

Lucas Ribeiro de Freitas

Formado em Filosofia pela UENP.

E-mail: lucao_freitas2015@outlook.com

Paula Camille Mendonça Sandy

Formada em Letras/Inglês pela UENP.

E-mail: pmendoncasandy@gmail.com

O ANTI-AMIGO: Griffith e a instrumentalização da amizade

RESUMO:

Guts e Griffith representam uma antítese em termos de valores, objetivos e visões de mundo. Guts, o protagonista, é um mercenário marcado pela ausência de rumo, enquanto Griffith, um líder carismático, carrega um ideal elevado de grandeza. A amizade entre ambos, no entanto, revela ser unilateral, com Griffith reconhecendo o valor de Guts, como amigo, tardiamente na obra, remetendo a uma visão de amizade ofuscada pela instrumentalização da mesma. Este artigo analisa a unilateralidade dessa relação partindo dos modelos de amizade (*philia*) de Aristóteles para distinguir a amizade virtuosa da instrumental, contextualizando o debate com as perspectivas de Cícero e Sêneca. Partindo da distinção entre amizade virtuosa (recíproca) em sentido moral, e amizade instrumental (utilidade), demonstra-se como a dinâmica entre os dois exemplifica um desequilíbrio entre as concepções. Em momento tardio, Griffith tragicamente reconhecerá o valor de Guts, mas não conseguirá restaurar o vínculo, evidenciando uma incompatibilidade traumática para ambos.

PALAVRAS-CHAVES: Berserk; Amizade; Filosofia; Instrumentalização; Griffith.

Lucas Ribeiro de Freitas

Formado em Filosofia pela UENP.

E-mail: lucao_freitas2015@outlook.com

Paula Camille Mendonça Sandy

Formada em Letras/Inglês pela UENP.

E-mail: pmendoncasandy@gmail.com

Submissão: 28/07/2025

Revisão: 17/03/2026

Aprovação: 30/03/2026

Publicação: 29/05/2026

THE ANTI-FRIEND: Griffith and the instrumentalization of friendship

ABSTRACT:

Guts and Griffith represent an antithesis in terms of values, goals, and worldviews. Guts, the protagonist, is a mercenary marked by a lack of direction, while Griffith, a charismatic leader, carries an elevated ideal of greatness. The friendship between them, however, proves to be unilateral, with Griffith recognizing Guts's value, as a friend, late in the work, pointing to a view of friendship overshadowed by its instrumentalization. This article analyzes the unilaterality of this relationship starting from Aristotle's models of friendship (philia) to distinguish virtuous friendship from instrumental friendship, contextualizing the debate with the perspectives of Cicero and Seneca. Starting from the distinction between virtuous (reciprocal) friendship in a moral sense, and instrumental friendship (utility), it is demonstrated how the dynamic between the two exemplifies an imbalance between the conceptions. At a later moment, Griffith will tragically recognize Guts's value, but will not be able to restore the bond, evidencing a traumatic incompatibility for both.

Keywords: *Berserk; Friendship; Philosophy; Instrumentalization; Griffith.*



1. INTRODUÇÃO

Representações traumáticas em narrativas exploram frequentemente as relações interpessoais, humanizando personagens fictícios e aproximando-os cada vez mais de seus consumidores, explorando as conexões e deixando a narrativa pessoal. Podemos presenciar isso em algumas mídias, como em *The Last of Us* (2013), no qual Joel e Ellie desempenham um papel de pai e filha enfrentando adversidades, sejam elas físicas ou emocionais.

Em *Berserk* (ベルセルク), mangá japonês escrito e ilustrado na década de noventa por Kentarō Miura (三浦建太郎), um influente *mangaká* japonês e a mente responsável pela criação da obra citada, a narrativa apresenta Guts, um mercenário marcado, de forma traumática, pela ausência de um sentido para viver. Em contraponto, introduz-se Griffith, o líder carismático do grupo mercenário reconhecido como “Bando do Falcão” que acaba recrutando Guts para fazer parte.

Uma das obras de maior destaque do gênero *seinen* (青年), mangás destinados para o público adulto por conta das temáticas tratadas e da forma como é representada, Miura apresenta um mundo ficcional de fantasia sombria com espadas, magia e cenas viscerais. A narrativa da história no *mangá* é estruturada em arcos, operando de forma semelhante a temporadas de produções seriadas, marcando pontos de virada cruciais para a trama. Apesar do falecimento do autor em 2021, a obra continua vendendo mundialmente e está sendo continuada por colegas que o acompanharam durante sua trajetória.

A união de ambos os personagens anteriormente citados, aparenta para o leitor convencional o início do que se acredita ser uma amizade como aquelas vistas em outras mídias, uma amizade que pode, sim, sofrer de momentos trágicos, mas que acabam sendo superados. Entretanto, por ser um *seinen* (青年), essa amizade será tratada com mais profundidade do que o habitual, abrangendo temáticas mais adultas, como questionamentos acerca das identidades dos personagens, disputas políticas e violência como algo natural.

No campo da Filosofia, a amizade (*philia*) é um

tema clássico, cuja análise mais sistemática foi legada por Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*. É a partir de sua distinção fundamental entre a amizade baseada na virtude e as amizades de utilidade ou prazer que este artigo se estrutura. As reflexões de pensadores posteriores, como Cícero e Sêneca, que aprofundaram o ideal da amizade virtuosa, e a visão contrastante de Epicuro, que a atrelava a uma concepção utilitária, serviram para contextualizar e enriquecer esta análise aristotélica.

A problematização deste artigo investiga como a relação entre Guts e Griffith encarna o conflito entre essas concepções opostas de amizade. Analisa-se, especificamente, de que modo Griffith instrumentaliza seus laços interpessoais, transformando a própria noção de amizade em uma ferramenta para alcançar seus objetivos, enquanto Guts busca uma conexão genuína. A questão central é, portanto, como essa assimetria define a natureza trágica do vínculo entre eles.

Analisamos cenas-chave da Golden Age Arc (Arco da Era de Ouro) do *mangá*, que colidem as concepções apresentadas, cenas que permitem desfrutar da construção de Griffith, personagem que não é um “falso-amigo”, mas sim, um anti-amigo, aquele que corrompe a própria possibilidade de amizade genuína, aquele que destrói a oportunidade de ter.

2. OS MODELOS CLÁSSICOS DE AMIZADE: VIRTUDE, UTILIDADE E PRAZER.

Amizade, enquanto construção relacional, constitui-se como uma manifestação nutrida pela reciprocidade e temporalidade, podendo acrescentar tanto como força motivadora de resistência humana quanto como fonte de vulnerabilidade à existência.

Sêneca, em *Cartas a Lucílio*, relata que mesmo em situações extremas, como seu próprio corpo sendo atormentado pela doença e pela fraqueza, além da contemplação do suicídio como fuga, os laços de amizade revelaram-se fundamentais: “Também contribuíram para eu recuperar a saúde os meus amigos: nos seus conselhos, na sua companhia, na sua conversa encontrei grande consolação” (Sêneca, 2021. Ep.78, 4, p. 329). Neste contexto, seus laços



de amizade favoreceram sua recuperação, como um antídoto, contribuindo para o enfrentamento do medo perante a mortalidade.

Se o exemplo de Sêneca ilustra o poder redentor da amizade, a filosofia clássica também reconhece sua complexidade e seus riscos. Essa dualidade, onde a amizade pode tanto fortalecer quanto corromper, encontra sua formulação mais sistemática em Aristóteles. Na *Ética a Nicômaco* (Livro VIII, 2008), o filósofo distingue três tipos fundamentais de amizade, que servem como base para a nossa análise: (1) a amizade por utilidade; (2) a amizade por prazer; e (3) a amizade perfeita, ou de virtude.

Amizade por utilidade, conforme analisada por Santos (2016), configura-se como uma relação transitória, na qual as pessoas encontram no próximo, um meio, que bem utilizado, permitirá que se alcancem seus objetivos, conforme aponta Santos (2016, p.244): “Nela, as pessoas envolvidas ‘gostam uns dos outros pelo bem que os outros lhes trazem’”. Amizade visando a utilidade, herança também da tradição epicurista, pressupõe uma relação de dupla via de interesses, reduzindo o outro a meio para fins externos à relação, seja material ou afetivo, servindo como ferramenta de vantagem.

Esta concepção de relação como ferramenta será central para compreender a mentalidade de Griffith e seu projeto de poder. Tal visão, em termos aristotélicos, não é um mero egoísmo, mas a consequência de uma forma específica de amor de si (*philautia*), conceito que designa um sentimento individualista que determina o valor e a função de todos os laços externos (Viano, 2008, p. 3-4).

Paralelamente, o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han em sua obra *A Expulsão do Outro* enxerga a amizade utilitarista como uma espécie de networking, uma forma evidente e representativa de como a amizade por utilidade é retratada contemporaneamente. O sujeito contemporâneo e digital utiliza da conexão digital para ultrapassar a barreira do estranho, evitando o processo de conhecer o outro particularmente, buscando conhecer apenas a parte que interessa, a parte útil.

A conexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com o outro. Elas servem,

antes, para passar direto pelo estranho e pelo outro e encontrar o igual e o de igual inclinação, e cuidam para que o nosso horizonte de experiência se torne cada vez mais estreito (Han, 2022, p. 10-11)

Desta maneira, Griffith tinha para si que Guts e todos os outros membros do bando e da realeza, eram apenas contatos e meios para alcançar seu fim, seus sonhos, sem importar-se com a individualidade de cada um.

A amizade por prazer, a mais comum das três, estruturalmente análoga à anterior, fundamenta-se de modo que, ambos os afetados, na “gratificação mútua derivada da convivência” (Santos, 2016, p. 245), gostam do efeito do convívio com o próximo, ou seja, da capacidade do outro em proporcionar momentos sensíveis ou afetivos, seja através da companhia, do diálogo ou da mera presença. Tal qual a amizade utilitária, essa relação também será um meio e não um fim a se obter e caso gere desagrado de uma parte, a relação é desfeita: “ao cessar o que, no outro, é agradável, cessa então a amizade” (Santos, 2016, p. 245). É nesta categoria que, inicialmente, a camaradagem de Guts com o Bando do Falcão pode ser enquadrada, baseada na glória e no prazer das vitórias compartilhadas.

Em contraste radical, a amizade perfeita constitui-se como “fim em si mesmo” (Santos, 2016, p. 246), exigindo uma prolongada temporalidade (nutrida pelo tempo) e principalmente pela correspondência moral entre ambos. Portanto, será uma relação de iguais, na qual um deseja o bem do outro de forma que, por unicamente desejar o bem, será útil e agradável para ele: “O amigo verdadeiro identifica-se com o outro, com suas dores, como suas alegrias; a felicidade do amigo torna-se sua própria felicidade, isso porque o valor é inerente à pessoa do amigo e não a causas exteriores” (Santos, 2016, 246).

Essa é a manifestação máxima da ideia do amigo como “um outro eu” (*heteros ego*), onde o bem-querer pelo outro e por si mesmo se fundem em um só movimento da alma (Rocha, 2006, p. 77). Este ideal de amizade virtuosa representa precisamente o que Guts passa a buscar e o que Griffith se mostra incapaz de oferecer.

Por ser uma amizade nutrida pelo tempo e pela



reciprocidade, ela se mostrará uma tarefa difícil de ser realizada, ou mantida, já que:

Não é simplesmente um sentimento que pode ligar duas pessoas ou mais em torno de certo objetivo, mas uma virtude que requer benevolência, concórdia, reciprocidade e uma expressão consciente de bem-querer ao outro (Santos, 2016, p. 247).

E de tal modo, em correspondência a sua grandeza, a amizade perfeita encontrará seu fim somente na morte.

3. O ANTI-AMIGO EM AÇÃO: ANÁLISE DA RELAÇÃO NA ERA DE OURO.

A Era de Ouro de Berserk narra a ascensão do Bando do Falcão, um poderoso e carismático grupo de mercenários cuja trajetória é indissociável da ambição de seu líder, Griffith. Neste cenário de glórias militares e camaradagem, desenvolve-se o complexo vínculo entre Griffith e seu principal guerreiro, Guts, uma relação que se tornará o eixo trágico da narrativa.

A dinâmica entre os dois, contudo, revela-se fundamentalmente assimétrica. A relação exemplifica a instrumentalização dos laços, um desequilíbrio que se torna explícito em cenas-chave que expõem o conflito irreconciliável entre a busca de Guts por um "outro eu" (*heteros ego*) e a autoafirmação radical do "amor de si" (*philautia*) de Griffith.

3.1 A Ascensão e a "Gaiola Dourada"

A ascensão do Bando do Falcão culmina, no capítulo 12, com sua aceitação pela realeza de *Midland*. O banquete realizado em *Wyndham* simboliza uma transição crucial: de mercenários a nobres, de ferramentas de guerra a peças no tabuleiro político. Este evento marca o sucesso da estratégia de Griffith, que visava não apenas a vitória militar sobre o império de *Tudor*, mas a infiltração e conquista do poder social.

Neste novo cenário, as diferentes naturezas dos protagonistas se acentuam. Griffith, movido por sua radical *philautia* (amor de si), transita com uma facilidade predatória, tratando a política da corte como uma extensão da guerra e usando seu carisma

como arma para seduzir figuras-chave como a Princesa Charlotte.

Em oposição direta, Guts se sente alienado. Sua identidade como guerreiro, definida pela ação e pela honestidade brutal do combate, não encontra lugar na eloquência e nas intrigas da nobreza. Para ele e para o Bando, o luxo da corte representa uma "gaiola dourada", um espaço que os aprisiona e evidencia seu distanciamento do caminho que seu líder agora trilha.

A atmosfera do capítulo, portanto, é a de uma calmaria enganosa que antecede a tempestade. A tensão não está em um inimigo externo, mas na crescente fissura interna da relação que é o pilar da narrativa. É neste ambiente de falsa paz, no qual Guts mais se sente um estranho, que Miura posiciona uma das conversas mais importantes da obra, um diálogo que não apenas impulsiona a trama para o caos, mas que funcionará como a tese filosófica de Griffith sobre a natureza dos verdadeiros laços, desencadeando a crise existencial de Guts.

Em uma tentativa desesperada de buscar refúgio do mundo da corte, que não reconhece como seu, Guts afasta-se do salão principal, buscando o silêncio dos jardins do castelo. É neste momento de isolamento que, por ironia trágica, ele se torna o espectador oculto de uma cena que definirá seu destino. Simultaneamente, Griffith conduz a Princesa Charlotte para a mesma área, afastando-a da multidão para uma conversa mais íntima junto a uma fonte. A justaposição é clara: enquanto Guts busca escapar da hipocrisia da corte, Griffith a utiliza como um palco para sua ambição.

A posição de Guts, na parte inferior de uma escadaria, impedido de se aproximar por não pertencer àquele estrato social, torna-se um poderoso símbolo de sua distância em relação ao novo mundo de Griffith. Invisível para o casal, ele se torna uma testemunha involuntária. O fato de a conversa entre Griffith e Charlotte ser, aos olhos deles, privada, confere às palavras de Griffith um peso de verdade absoluta para Guts. Não se trata de um discurso público, mas de uma aparente confidência, uma revelação crua de sua filosofia pessoal, o que a torna ainda mais devastadora.



3.2 A Filosofia da Fonte: A Verdade Não-Filtrada

Movida pela ingenuidade, a Princesa Charlotte questiona Griffith sobre a natureza de seus laços, mas a resposta dele desvia do afeto e se concentra em um único critério absoluto: o sonho. Para Griffith, um sonho não é um desejo vago, mas o propósito que justifica a existência e todos os sacrifícios. Ele afirma que um sonho deve ser buscado para si mesmo, não para os outros, e que viver uma vida sem um propósito próprio, apenas "um dia depois do outro", é inaceitável. Essa filosofia do sonho, articulada neste momento, é a manifestação mais clara de sua *philautia* (amor de si) radical: o "eu" e sua ambição tornam-se a única medida de valor para as relações humanas.

O clímax do diálogo ocorre quando a princesa, referindo-se ao Bando do Falcão como "amigos" de Griffith, atribui a lealdade deles ao seu charme. Griffith, após elogiar a devoção de seus homens, faz uma distinção brutal: apesar de estarem dispostos a morrer por seu sonho, nenhum deles é seu amigo. Ele então articula sua tese, um critério absoluto que redefine o vínculo nos seus próprios termos:

“Um amigo não deveria só seguir o sonho de outro. Um amigo deveria achar sua própria razão de viver, e se alguém destruísse seu sonho, deveria se defender, mesmo se esse alguém fosse eu. Para mim, um amigo... é alguém que se iguale a mim” (Miura, 2014, cap. 12).

Essa definição não é um ideal de reciprocidade, mas a mais pura manifestação de sua *philautia* (amor de si): um padrão de igualdade tão elevado que o coloca em uma posição de superioridade inalcançável, garantindo que ninguém possa verdadeiramente reivindicar o título de "amigo".

Cabe questionar, no entanto, se tal postura não camuflaria um temor profundo. A existência de um igual representaria um embate poderoso e que permitiria pensarmos se ele saberia lidar com isso. A identidade de Griffith fundamenta-se na clareza de seus desejos e em ver os outros como peças em seu tabuleiro, mas como seria enfrentar alguém que possui suas próprias ambições? Talvez por isso ele evite pessoas semelhantes a si, acreditando que ninguém possua sonhos tão grandiosos quanto os seus, uma

forma de repelir o igual, uma ação de narcisismo puro, que impossibilita qualquer possibilidade de amizade.

Ao ouvir essas palavras, Guts retira-se em completo silêncio, um silêncio que representa a fratura de sua própria identidade, construída até então em função de Griffith. Enquanto isso, o sorriso maléfico e brutal que surge no rosto de Griffith, para quem o discurso foi apenas uma performance bem-sucedida, solidifica seu status como o anti-amigo: uma figura completamente alheia ao impacto de suas palavras e cuja visão de mundo instrumentaliza e, por fim, anula a própria possibilidade de uma amizade genuína.

3.3 A Consequência da Tese: Rivalidade e Ruptura

Ao ouvir as palavras de Griffith, Guts internaliza a dura lição: aos olhos de seu líder, ele não é um amigo, mas apenas seu mais valioso instrumento, sua espada mais afiada. Ele compreende que o ideal de "igualdade" proposto por Griffith exige um pré-requisito que ele não possui: um sonho próprio. Sua subsequente decisão de deixar o Bando do Falcão não é, portanto, um ato de traição, mas uma tentativa irônica e trágica de se qualificar para a amizade nos termos definidos pelo próprio Griffith. É a primeira vez que Guts age movido por um propósito unicamente seu, iniciando uma dolorosa busca por uma identidade que não esteja subordinada ao sonho de outro.

A partida de Guts ilustra sua luta por reconhecimento, uma atitude que favorece a criação de uma vontade, conforme apontado por Honneth (2003) em seu estudo *Luta por Reconhecimento*. Essa busca por reconhecimento é uma auto experiência na qual o indivíduo se reconhece como sujeito prático e capaz de realizar produções práticas: “o processo de formação da vontade se compõe das formas de auto experiência que procedem do propósito resoluta de realização prática, ‘objetivas’, das próprias intenções” (Honneth, 2003, p. 74).

Em outras palavras, trata-se de reconhecer que suas próprias vontades podem ser força motriz para mover o mundo. Em sua jornada, Guts precisa reconhecer-se como capaz de sonhar, de ter objetivos próprios, de ter uma vontade, buscando, assim, alcançar-se à condição



de igual perante a Griffith.

A reação de Griffith à partida de Guts revela a natureza possessiva de sua *philautia* (amor de si). Ele não vê um amigo buscando seu caminho, mas sua posse mais valiosa se rebelando. Ao forçar um duelo pela liberdade de Guts, Griffith expõe que seu vínculo era, em última instância, uma relação de domínio. O confronto que se segue transcende o físico: é a manifestação do conflito entre a recém-descoberta autonomia de Guts e o controle absoluto de Griffith. Como aponta Cristina Viano (2008), a amizade em Aristóteles pode interagir com emoções competitivas. Neste caso, o vínculo é testado e rompido precisamente através da rivalidade (*philotimia*), o momento em que a busca de Guts por igualdade o força a superar seu mestre.

3.4 A Queda do Anti-Amigo: A Implosão da *Philautia*

A derrota de Griffith no duelo não é apenas física, mas uma fratura psicológica profunda. É a primeira falha em sua trajetória de perfeição calculada, infligida por aquele que considerava seu subordinado. O colapso de sua autoimagem é imediato e o leva a um ato imprudente e autodestrutivo: buscar consolo no leito da Princesa Charlotte. Esta ação, que resulta em sua prisão, tortura e na consequente aniquilação do Bando do Falcão, é o sintoma final da fragilidade de seu mundo. Demonstra que uma visão de mundo baseada puramente na instrumentalização e em um amor de si que não tolera a autonomia do outro é, em sua essência, insustentável. A queda de Griffith não foi causada por um inimigo externo, mas pela implosão de sua própria filosofia ao ser confrontada pela liberdade de um único homem.

A derrota simboliza a incapacidade de Griffith de vivenciar uma amizade virtuosa, algo que já havia ficado claro anteriormente. Griffith já não olhava para Guts como um igual, apenas como um instrumento, portanto longe de ser uma amizade por virtude, porém agora, com a partida do objeto que mais admirava e quiçá, desejava, mostrasse a incapacidade de, não apenas vê-lo anteriormente como um igual, mas também incapacidade de tornar-se um igual.

A partida de de Guts mostra que Griffith não foi capaz nem mesmo de entender sua própria vulnerabilidade perante o outro e a partida expõe a ferida narcisista que Griffith carregará consigo por toda a obra, constata, de maneira traumática, que precisava de Guts, não apenas como ferramenta, mas como uma âncora emocional.

Afinal, podemos também analisar a busca pela Princesa Charlotte, a realização do ato sexual que ocorre, não como uma simples busca por consolo, mas uma tentativa de reforçar até mesmo sua masculinidade, afinal, toda a obsessão de Griffith por Guts evidentemente iria muito além das habilidades que possui, era uma obsessão pela carne, pela posse e ao deitar-se com a princesa, tentativa desesperada de reafirmar seu controle, de desejo, uma falha tentativa de recuperar aquilo que já estava quebrado, sua identidade.

3.5 O Bando Sem Falcão: A Reconstrução pelo Afeto

O arco de ouro se encerra após uma catástrofe, Griffith sacrifica seus companheiros por poder, deixando apenas dois sobreviventes: Guts e Casca. Após estes eventos e consumido pelo luto, pela traição e pela perda, Guts emerge desse evento não apenas com cicatrizes físicas, mas envolto de uma profunda “armadura” emocional.

Em seus primeiros momentos, o personagem parece adotar, ironicamente, a própria lógica utilitarista de seu antigo líder, isolando-se e passando a enxergar todos como estorvos ou, no máximo, como meios temporários para alcançar sua vingança. Um mecanismo de defesa, um fechamento para com o outro que reflete a impossibilidade momentânea de confiar em um “outro eu”, no caso, de não criar laços de amizade verdadeiro.

Contudo, à medida que a narrativa avança, um novo grupo é formado ao seu redor, um bando sem “falcão”, sem Griffith. Agora, eles não estão unidos pelo carisma poderoso do líder, mas sim, pela necessidade mútua, pela vulnerabilidade e pelo acolhimento.

A cura de Guts reverbera com exatidão a tese de Sêneca anteriormente comentada, o poder redentor



da amizade. Se antes Sêneca (2021) afirmava que nos conselhos e na companhia de seus amigos encontrou consolação para os tormentos de seu próprio corpo, a nova equipe de Guts atua como antídoto literal e figurativo para sua degradação física e mental. São eles que o resgataram da loucura, provando que a amizade genuína é um pilar de resistência contra a mortalidade e o desespero.

Portanto, a formação dessa nova equipe funciona como o contraponto definitivo ao "anti-amigo". Enquanto Griffith isolou-se no topo de sua *philautia* (amor de si) e instrumentalizou seus laços até a aniquilação deles, Guts percorre o caminho inverso. Ele parte da mais absoluta solidão e do trauma para reaprender a confiar, demonstrando que, mesmo em um mundo brutal, a superação da dor não se dá pelo sacrifício do outro, mas pela construção de uma amizade pautada na virtude e no bem-querer recíproco.

4. CONCLUSÃO

A análise da relação entre Griffith e Guts, examinada através da lente da filosofia clássica, confirma a existência de um distanciamento trágico e fundamentado em uma relação de amizade utilitária. O vínculo que parecia unir o Bando do Falcão era, em sua essência, um abismo entre a busca por um laço virtuoso e a fria instrumentalização humana.

Com a aplicação dos métodos aristotélicos, demonstra-se que enquanto Guts buscava a reciprocidade da amizade perfeita na figura do outro, Griffith operava sob a lógica instrumental de uma *philautia* (amor de si) radical. Essa visão leva Griffith a transcender a categoria do 'falso amigo', consolidando-o como a personificação do anti-amigo. Sua filosofia pessoal não só instrumentaliza, mas anula a amizade em seu núcleo. Ao estabelecer um padrão de igualdade baseado em um sonho inalcançável, ele garante sua própria solidão e superioridade, tornando a reciprocidade, pilar da amizade virtuosa, uma impossibilidade lógica. A queda de Griffith, portanto, não foi causada pela traição de um amigo, mas pela implosão de uma visão de mundo que não admitia amigos, um mundo convencido pela sua

própria *philautia* de que não precisava de ninguém emocionalmente, apenas utilitariamente.

A trágica jornada de Guts e Griffith em *Berserk* serve, assim, como uma poderosa alegoria sobre os limites da ambição e a natureza complexa dos laços humanos. Griffith representa a produtividade tóxica da cultura atual e do individualismo radical, na qual o propósito ou a busca pelo sucesso justificam o uso das pessoas como ferramentas. Guts, por outro lado, representa a angústia contemporânea de quem busca conexões autênticas (amizade perfeita) em um mundo estruturado por relações efêmeras e de conveniência, na qual a amizade e o outro é instrumentalizado.

A obra de Miura é um testemunho da capacidade da cultura pop de explorar, com profundidade e rigor, questões filosóficas atemporais, convidando o leitor a refletir sobre o que significa, de fato, ter e ser um amigo.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2018.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MIURA, Kentaro. **Berserk**. Vol. 6. Barueri, SP: Panini Comics, 2014.

ROCHA, Zeferino. **O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles**. *Psychê*, São Paulo, ano X, n. 17, p. 65-86, jan./jun. 2006.

SANTOS, Anderson Carvalho dos. **O conceito de amizade em Aristóteles**. *Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia*, v. 10, p. 240-251, 2016.



SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2021.

VIANO, Cristina. **Amizade e emoções de rivalidade em Aristóteles: uma origem comum?**. Journal of Ancient Philosophy, v. II, n. 1, p. 1-15, 2008.

Como citar este artigo:

FREITAS, Lucas Ribeiro de; SANDY, Paula Camille Mendonça. O ANTI-AMIGO: GRIFFITH E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA AMIZADE. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.8, n.12, mai. 2026.